

SANDRO GALLAZZI
ANA MARIA RIZZANTE

JUDITE

A mão da mulher na história do povo

Coleção

Comentário Bíblico Latino-Americano



ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

SUMÁRIO

Introdução, 9

1ª PARTE 23

- A grande cidade (Judite 1) 25
- O segredo de sua vontade (Judite 2) 33
- Todos os povos deviam adorar unicamente a Nabucodonosor (Judite 3) 43
- Os “filhos de Israel” (Judite 4) 47
- Que povo é este que reside nas montanhas? (Judite 5) 55
- Quem é Deus senão Nabucodonosor? (Judite 6) 65
- Ocupou as fontes das águas (Judite 7) 71

2ª PARTE 83

- Judite (8) 85
- Senhor, Deus de meu pai Simeão (Judite 9) 99
- Enfeitou-se com esmero para cativar os olhos de todos (Judite 10) 109
- Viva Nabucodonosor, rei de toda a terra, e viva o seu poder! (Judite 11) 117
- O Senhor, por minhas mãos, realizará o que decidiu (Judite 12) 125
- Com toda a sua força golpeou-lhe o pescoço, decependo-lhe a cabeça (Judite 13) 131
- Empunhe cada um suas armas (Judite 14) 139
- Então os filhos de Israel precipitaram-se sobre eles (Judite 15) 145
- Pela mão de uma mulher, o Senhor os confundiu (Judite 16) 151

INTRODUÇÃO

Quando foi escrito o livro de Judite?

É difícil estabelecer, com precisão, a data da redação do livro de Judite. No texto, não encontramos nenhuma informação que nos forneça uma indicação segura e precisa. A única notícia mais cronológica aparece em 4,3 e é repetida em 5,19 e 8,18. Ao referir-se aos filhos de Israel, o texto nos informa que:

“Tinham voltado recentemente do cativeiro; fazia pouco que todo o povo da Judéia se congregara, e que os objetos de culto, o altar e o templo, tinham sido purificados da profanação”.

Este detalhe nos levaria, aparentemente, a uma época bem próxima do fim do exílio de Babilônia, não fossem outras palavras como “*vésperas do sábado e sábados; vésperas das luas novas e luas novas*” (8,6) que são de uso posterior e nos trazem para uma época bem mais recente. As informações a respeito do pleno funcionamento do templo e a aparente ocupação de todo o território de Israel confirmam uma época de redação mais tardia.

Os estudiosos apontam diversas soluções que vão desde a época de Artaxerxes II^o, ao redor do ano 360 a.C., até mais ou menos o ano 100 a.C. A maioria deles, porém, concorda com o período das guerras macabaicas como o mais provável para datar este livro. Nós concordamos com eles, mas é bom não querer fechar a questão.

Aliás, o próprio gênero literário do livro, a novela, faz com que o texto, propositadamente, adquira uma amplidão simbólica de maneira a poder aplicá-lo a vários momentos históricos. As figuras de Holofernes e de Nabucodonosor, de Ozias e do sumo sacerdote Joaquim e até a figura de Judite podem servir para identificar pessoas e grupos diversos, em momentos históricos diferentes.

A época macabaica foi particularmente fecunda na produção de textos: o livro de Daniel, os dois livros dos Macabeus, a tradução grega do livro de Ester, para lembrar os textos canônicos ou deuterocanônicos, e vários textos apócrifos, como o livro dos sonhos que pertence ao livro de Henoc, nasceram no contexto deste conflito.

Não resta dúvida de que esta época, como todas as épocas de crise, foi o berço de uma rica produção literária que deve ser vista no seu conjunto para que possamos identificar os grupos presentes no cenário nacional e suas relações, às vezes, conflituais.

Judite, a nosso ver, explica-se melhor se o considerarmos como parte deste grande esforço de reflexão que marcou uma época tão importante para a vida nacional do povo de Israel.

A maneira de escrever, o uso bem semítico do grego¹, as palavras usadas nos aproximam, sobretudo, do grupo que produziu o 1º livro dos Macabeus e o texto grego de Ester, livros que já comentamos nesta mesma coleção e cujas introduções podem nos ajudar a conhecer melhor a época, como o grupo que está por trás destas páginas. É só conferir.

O confronto direto com o imperialismo seléucida e lágida, a deflagração da guerra de guerrilha contra o gigante grego que dominava terras e mercados, a tomada de posição contra os setores internos da sociedade que queriam a implantação do projeto e da estrutura socioeconômica helenista, provocaram um forte debate nacional, exigiram uma profunda reflexão por parte de todos e favoreceram a produção de tantos textos significativos.

Para a descrição do contexto histórico desta época, vale o que escrevemos no comentário ao primeiro livro dos Macabeus e na introdução ao texto grego do livro de Ester, publicados nesta mesma coleção. Ali podemos encontrar as informações necessárias que nos permitam conhecer mais de perto a situação política, social, econômica da época e seus aspectos culturais, ideológicos e religiosos.

Aqui, bastará identificar quais os principais conflitos que marcaram as páginas do livro de Judite para encontrar o “pré-texto” desta obra, seu porquê, a causa que a gerou.

1 Não acreditamos que seja necessário supor a existência de um “original” hebraico que teria se perdido.

Por que foi escrito o livro de Judite?

Como todos os livros bíblicos, o livro de Judite, também, toma posição diante das crises, dos conflitos, das dúvidas que se alastram no momento histórico que lhe é contemporâneo. Além disso, é produto de um grupo que tem uma identidade sociológica definida, ocupa um lugar específico no conflito e tem uma teologia própria e um projeto de sociedade, pelos quais busca respostas coerentes às dúvidas presentes.

Isto não quer dizer que seja fácil identificar com segurança e absoluta certeza este mesmo grupo. Apesar de nosso esforço, teremos sempre que ficar no campo das hipóteses; teremos que nos contentar de levantar hipóteses que, pelos menos, não sejam absurdas e incongruentes.

A busca pelos conflitos que subjazem a estas páginas, torna-se, por isso, uma necessidade imprescindível para fundamentar nossas hipóteses.

O conflito com o imperialismo e o militarismo helenista

Não resta dúvida de que este é o conflito que ocupa a maior parte das páginas deste livro. Nabucodonosor, o grande inimigo, adquire, nestas páginas, uma dimensão coletiva reunindo, em si, todos os impérios que, de alguma maneira, se confrontaram com Israel e com Judá.

Ele é “assírio”, invade Babilônia, derrota os medos, alia-se com os persas e conquista o Egito. As incongruências e a irrealidade destes detalhes históricos e geográficos tão presentes nestas páginas não são produtos da ignorância e da incompetência dos redatores. Pelo contrário, elas têm uma importância simbólica decisiva para a interpretação e para a hermenêutica do livro.

Tomando emprestado alguns elementos do gênero literário apocalíptico, tão difundido na época, o livro de Judite “coletiviza” e “personifica” o mal que quer acabar com a vida do povo e implantar um sistema de dominação e de opressão escravocrata. Se vale a comparação, o Nabucodonosor de Judite é igual à estátua do sonho descrito em Dn 2,31-35: “ele não é o imperador. Ele é o império!”

Um império que, por sua natureza, quer ser o único sobre a face da terra e que impõe sua vontade através de um poder militar gigantesco, incontrolável e esmagador.

Nabucodonosor é o império; Nabucodonosor é “Deus”, o senhor de toda a terra a ser adorado e reverenciado por todos, como em Dn 3.

Holofernes, por sua vez, representa o braço militar do império. Ele chefiava o poderosíssimo exército encarregado de conquistar toda a terra, impor a dominação econômica e exterminar todos tipos de resistência.

Não é nada difícil enxergar, por trás destas figuras simbólicas, a identidade histórica de Antíoco V, Epifanes (manifestação de Deus) e seus generais que, chefiando poderosos exércitos, lutaram contra Judas Macabeu e seus irmãos. Entre eles, sobretudo, o blasfemo e orgulhosíssimo Nicanor.

Ao longo do comentário, iremos descrever a realidade deste conflito e pôr em destaque como o grupo que redigiu estas páginas se posicionou diante do mesmo. Retomando a analogia com o livro de Daniel, poderíamos dizer que Judite é a pedra que irá derrubar e destruir a estatua do imperialismo, esmigalhando-lhe os frágeis dedos de barro (Dn 2,34-35a).

O conflito com a hierocracia sadocita de Jerusalém

Este conflito é muito mais sutil, mas está bastante presente no nosso livro. É importante lembrar que o livro de Judite não termina com a derrota dos exércitos de Holofernes. Ele continua. Só termina depois do “bendito” proclamado pelo sumo sacerdote exaltando os feitos realizados pela mão de Judite. Depois disso, ele nunca mais vai aparecer. O povo, numa procissão liderada por Judite, “invade” o santuário e, depois de três meses de festa, realiza a retomada das terras, a partilha dos bens e a libertação dos escravos: os gestos simbólicos do ano jubilar.

É importante lembrar, então, o que significou a implantação do sistema hierocrático em Jerusalém, a partir das missões de Esdras e de Neemias.

- As terras de Judá passaram a ser “controladas” pelos sacerdotes, que impuseram um sofisticado sistema de tributação, baseado

nas inúmeras situações de impurezas nas quais a população ficava enredada e que só podiam ser revertidas através de sacrifícios, votos e doações muitas vezes obrigatórias e escorchantes. O templo de Jerusalém foi, ao mesmo tempo, palácio do sumo sacerdote e armazém do grupo dominante.

- O “povo da terra”, o grupo dos pequenos agricultores, acabou perdendo espaço e força política. Foi marginalizado e, tratado, muitas vezes, como impuro, foi vítima de uma política separatista que chegou a ter conotações quase racistas. Já não podia afirmar seu direito à terra, porque a terra passou a ser “de Deus” e, por isso, administrada por seus representantes legítimos, os sacerdotes sadocitas de Jerusalém que, dela, cobravam o dízimo, as primícias, os primogênitos e outras taxas e impostos para o sustento do esquema templocêntrico (Ne 10).
- O conflito com os samaritanos, ou samareus² como eu prefiro chamá-los, marcou, também, este momento da história de Judá. Fruto de uma cisão interna do grupo sadocita de Jerusalém, os samareus, construíram um outro templo e provocaram um cisma cujas consequências socioeconômicas são fáceis de identificar numa região tão pequena. As disputas pelo poder e pelo controle dos mercados foram recheadas por excomunhões recíprocas e, carregadas de desprezo, alimentaram animosidades e confrontos cujas maiores vítimas, como sempre, foram os mais pobres. “Quando os elefantes brigam, quem padece é a grama”.

De certa forma, todos estes conflitos perpassam as páginas do livro que estamos estudando e os evidenciaremos ao longo do comentário. Betúlia, a cidade de Judite, epicentro dos acontecimentos, é uma cidade samaritana.

Judite, também, assim como Nabucodonosor, tem as características de uma pessoa coletiva. Sua longa genealogia faz dela quase que uma síntese de todos os grupos que estiveram presentes na caminhada do

2 Os Samaritanos não têm tanto a ver com a Samaria: eles surgiram de uma cisão do grupo sadocita de Jerusalém que não aceitou a reforma de Neemias e conseguiu o apoio do governador de Samaria. Eles se denominaram como “*somerim*” (os observantes). Os de Jerusalém, sarcasticamente, passaram a chamá-los “*someronim*” (os samaritanos) indicando sua dependência da província de Samaria e insinuando que eram uma população impura e detestável. É por isso que prefiro falar em “samareu”.

povo de Israel, inclusive os grupos marginalizados e “heréticos”. Mas ela, sobretudo, é, ao mesmo tempo, “mulher”, “povo da terra” e “samaritana” (pelo menos geograficamente): justamente o que os sadocitas de Jerusalém menos consideravam e de quem não se podia esperar nada de bom.

A polêmica está posta!

O conflito com a teologia oficial

Grupos diferentes produzem, também, teologias diferentes. Não é, por isso, de estranhar que nosso livro se posicione teologicamente, entrando em polêmica com a teologia oficial sustentada pelo templo de Jerusalém.

Apesar de evidenciar a preocupação popular com o santuário, o livro de Judite questiona seja a estrutura sociopolítica a ele ligada, como a teologia que o legitimava. Para quem produziu este texto, lutar pelo santuário significou, também, lutar por uma mudança estrutural e teológica.

Nossa maior preocupação, ao longo do comentário, será, evidentemente, a de pôr em destaque essas “diferenças” e as diversas concepções que subjazem à narração.

- O livro de Judite discute e toma posição diante da *teologia da retribuição* que sustentava todo o aparato sacerdotal e que, ironicamente, será apresentada e defendida não por um sacerdote, mas por um não israelita, o amonita Aquior.
- Questiona, também, todo o sistema sacrificial que girava ao redor do altar do templo de Jerusalém e dos gestos de penitência pública como capazes de captar o “favor” de Deus que, assim, salvaria seu povo.
- É preciso pôr em discussão essas visões teológicas pois elas irão levar o povo de Betúlia ao desespero e a querer se render ao inimigo. Se a libertação não vem, apesar de nossas súplicas e sacrifícios, é porque nosso pecado é imperdoável e, por isso, “*agora já não tem quem nos ajude. Deus nos vendeu aos assírios para que sucumbamos diante deles*” (7,25).
- No mesmo tempo, é necessário pôr em discussão uma outra teologia que vinha se alastrando nos tempos de Judite. Trata-se

da teologia apocalíptica. Esta teologia é, basicamente, a mesma teologia da retribuição, só que projetada para um futuro que se pensava próximo. Trata-se de esperar e resistir mais um pouco diante do perigo e da opressão, pois logo Deus vai premiar nossa fidelidade, muitas vezes heroica, e vai fazer acontecer a libertação, quase que num passe de mágica.

A teologia de Judite, herdeira e continuadora da teologia profética, guardada com teimosia nas casas e nos corações do povo, sobretudo das mulheres, vai reafirmar com segurança e ousadia: “*Eu, hoje, vou fazer algo (...) o Senhor vai socorrer o seu povo pela minha mão*” (8,32-33).

Quem escreveu o livro de Judite?

Já apresentamos alguns indicadores que nos ajudam a concluir que, possivelmente, o livro de Judite representa o pensamento e o projeto do grupo que somou forças com Judas Macabeu na guerra pela libertação de Judá.

É importante destacar que o estilo literário do livro de Judite e o de 1º Macabeus têm muito em comum, e ambos dependem do estilo das narrativas do livro dos Juízes. Como já dissemos no comentário de 1º Mc, reiteramos, aqui, que o “povo da terra”, herdeiro e continuador do movimento deuteronomista, deve ter dado sua contribuição direta na produção deste texto.

Como já dissemos, o uso do grego não deve ser motivo de preocupação. Pelo contrário, é mais um indício desta matriz social. A forte presença de ‘semitismos’ nos põe diante de pessoas que pensavam semítica e falavam helenicamente: justamente os camponeses, sobretudo da sefelá, da Samaria e da Galileia que, há mais de trezentos anos, vinham mantendo relações sociais e comerciais com o mundo e o mercado grego³.

3 Muitos biblistas optam pela existência de um original hebraico que teria se perdido, do qual teríamos somente a tradução. Isso se deve, também, ao fato de S. Jerônimo ter afirmado que sua tradução latina foi feita sobre um texto aramaico. Independentemente da confiabilidade desta informação, não precisamos supor este “original”, nem mesmo para 1º Mc. O grupo dos Macabeus era tão heterogêneo que o grego pode ter sido um elemento comum aglutinativo.

Um uso bem parecido da língua grega encontramos, também, nos textos gregos do livro de Daniel que, como já dissemos, é contemporâneo à Judite, quase gêmeo.

É evidente, e procuraremos pô-lo em destaque ao longo do comentário, que neste grupo as mulheres devem ocupar um lugar importante. Concluímos isso não só pelo fato de uma mulher ser a protagonista principal da narração, mas por toda uma lógica, uma hierarquia de valores, uma dinâmica de ação que aproxima o nosso ao conjunto de textos que surgiram, a partir das casas das mulheres, e que se tornaram um elemento importante de resistência diante das diversas formas de opressão produzidas seja pela hierocracia sadocita, como pelo imperialismo persa e, sobretudo, grego.

Estou falando dos livros de Rute, de Ester, de Coelet, de Cantares, que pertencem à coleção dos “meguilot” (‘os livros’, por excelência); coleção na qual a presença das mulheres é decisiva e marcante.

A importância deste protagonismo feminino pode ser evidenciada ainda mais se destacarmos as características da dominação à qual as mulheres eram submetidas, na época, e que podemos assim resumir:

- O esquema sacrificial, imposto pelo segundo templo, baseava-se em rígidas práticas e conceitos de pureza e de impureza. Neste contexto, a mulher era a maior vítima, junto com o doente. A menstruação, sobretudo a irregular, as relações sexuais, o parto eram fonte geradora de impureza para a mulher e para tudo que com ela vinha em contato⁴. Em alguns casos, para sua ‘purificação’, eram previstos sacrifícios e sacrifícios pesados.
- Esta situação, além de seu peso econômico, tinha consequências sobre as relações sociais e domésticas como um todo. A mulher era levada a considerar-se a si mesma como alguém, de certa maneira, inferior ao homem, exercendo papéis de segundo nível na sinagoga, nas assembleias e na sociedade em geral. Alguns textos, como o Eclesiástico, chegaram a afirmar que a mulher era uma realidade quase maligna.

4 Não resta dúvida que em algumas culturas antigas o sexo e as funções vitais a ele ligadas eram consideradas “tabu”. Mas é importante notar que, antes do segundo templo, nunca se chegou a considerá-las “impuras” e passíveis de taxação oficial.

- O contexto patriarcal da cultura semita e, ainda mais, a cosmovisão helenista aumentavam este tipo de dominação. A ‘casa’ era casa do homem, na qual a mulher tinha que assumir claros papéis de serviço e de subserviência. O homem era o centro das atenções e das relações domésticas. A mulher que não se adequasse a este esquema era considerada leviana e geradora de confusão e desassossego. Era melhor mandá-la sair de casa.
- Devemos, também, levar em conta o peso que as mulheres tiveram que carregar pelo avanço do mercado grego. O sistema latifundiário escravista e a sempre maior exigência de produtos, geraram a necessidade de aumentar significativamente a ‘mão-de-obra’. Os filhos eram gerados não para as necessidades da casa, mas para atender à fome insaciável do mercado. Isso jogou as mulheres num processo de reprodução muito acelerado que reduziu ainda mais seu espaço social. As mulheres só passaram a ser valorizadas pela maternidade, só eram “puras” quando grávidas.

O livro de Judite deve ser lido, também, a partir deste contexto social. Só assim, conseguiremos entender a força ‘revolucionária’ desta figura que, mesmo viúva, mesmo sem filhos, tem um valor imenso, ocupa publicamente seu espaço e assume claras funções de liderança, diante dos chefes da cidade e até do sumo sacerdote. Vários momentos importantes da narração falarão mais alto quando confrontados com a dominação a que as mulheres eram submetidas.

No comentário, nos encarregaremos de pô-los em destaque.

O gênero literário do livro

Aparentemente o livro de Judite apresenta-se como um livro histórico. As inúmeras informações a respeito de nomes, lugares e datas podem inicialmente confirmar esta expressão, assim como o estilo do texto escrito quase todos em prosa narrativa, algumas poucas vezes, até pedante. A Septuaginta o catalogou como tal.

Um estudo mais atento, porém, mostra como justamente aqueles nomes, lugares e datas têm incongruências e até inexatidões que dificilmente podem ser explicadas. Muitos nomes são fictícios; muitos lugares nunca existiram ou não poderiam ter sido percorridos segundo os itinerários indicados; muitas datas não combinam com o que sabemos de outros textos.

Ao considerar o livro como histórico, deveríamos admitir uma grande ignorância, decididamente inexplicável por parte dos redatores.

Estes detalhes levaram alguns estudiosos a considerar o livro como um texto que devia ser lido em chave apocalíptica, transformando nomes, lugares e datas em indicativos simbólicos de uma grande confronto entre 'Israel' e as 'nações' e que terminaria com a implantação do reino de paz e de justiça. Nós, também, inicialmente, nos aproximamos deste texto com esta ótica.

Com certeza, elementos do estilo apocalíptico estão presentes no texto que, porém, conserva uma grande autonomia em relação aos "conteúdos" da cosmovisão apocalíptica; pelo contrário, em muitos momentos, lhe é contraditória e até antagônica.

Também não se deve reduzir este livro a uma historieta edificante como gostariam de fazer alguns outros estudiosos, quase uma novela que não teria maior importância no pensamento bíblico, a não ser a de nos propor alguns exemplos de vida. Faríamos, assim, uma leitura preponderantemente moralista, sem nos preocupar demais com outras propostas. É possível que o texto de Judite na Vulgata tenha sido 'traduzido' nesta perspectiva.

Nós trabalhamos com a hipótese de que o gênero seja o das "memórias populares" presentes, também, em Josué, Juizes, Samuel e alguns poucos capítulos dos Reis. No mesmo tempo, como em Rute, 1 Macabeus e Ester, que também comungam deste mesmo estilo, estamos diante de uma "teologia da história" no seu sentido mais amplo. Os elementos recolhidos pela memória popular adquirem uma dimensão paradigmática e ocupam um espaço importante na discussão sociológica e na polêmica teológica que vinham sendo travadas na época da redação do texto.

Nosso texto é, por isso, uma importante expressão de um grupo que, nestas páginas, reuniu suas memórias, seus projetos e sua proposta de ação dentro da sociedade.

Ao longo do comentário, procuraremos dirigir nossa atenção a estes elementos.

A arquitetura do livro

A construção literária do livro de Judite tem a simplicidade típica das grandes obras de arte. O texto pode ser dividido em duas grandes partes.

1. A primeira parte, capítulos de 1 a 7, é marcada pela progressiva presença do mal que se abate sobre a terra e culmina com o desespero dos habitantes de Betúlia que não estão vendo saída diante da situação de morte.
2. A segunda parte, capítulos de 8 a 16, descreve o caminho da libertação alcançada pelo povo sob a liderança de Judite.

Detalhando um pouco mais, podemos ver que a primeira parte, por sua vez, é dividida em dois blocos.

a) Os capítulos de 1 a 3 nos apresentam os inimigos que, de “fora”, estão ameaçando a vida do povo. São eles: Nabucodonosor e seu projeto imperialista, Holofernes e seu poderosíssimo e implacável exército. A terra toda se ajoelha diante deles; todos os povos invocam Nabucodonosor como Deus e seu poder se alastra até os confins da terra de Israel.

- “*O rei Nabucodonosor declarou guerra ao rei Arfaxad*” (1,1-16). A luta pela hegemonia imperialista.
- “*Nabucodonosor decidiu se vingar de toda a terra*” (2,1-27). O militarismo é a arma da dominação.
- “*Seremos escravos de Nabucodonosor*” (2,28-3,10). Toda a terra está de joelhos diante do imperador.

b) A resistência dos filhos de Israel é descrita no segundo bloco, nos capítulos de 4 a 7. Eles são os únicos que não se ajoelham diante das armadas imperiais, provocando, assim, o furor devastador de Holofernes. Guiados pelo sumo sacerdote Joaquim, eles organizam a resistência confiando no poder de Deus que, diante das súplicas de seus filhos, de suas penitências e sacrifícios, não vai deixar de socorrê-los.

“Deus vai ser escudo e defesa deste povo, se ele não cometeu nenhuma falta”. O amonita Aquior resume, assim, diante de Holofernes, a lógica, quase mecânica e mágica, que motiva e anima a resistência do povo.

O capítulo 7 demonstra o contrário. O povo de Betúlia, reduzido ao extremo pela falta de água, quer aceitar a derrota, pois “Deus nos castiga por causa de nossos pecados”. A única alternativa é a de esperar que Deus mostre que está do nosso lado e faça o milagre de mandar a chuva.

- “Com toda a veemência suplicavam ao Senhor para que visitasse com sua bondade toda a casa de Israel” (4,1-15). A penitência e o sacrifício.
- “Quando, porém, se desviaram do caminho que lhes estava prescrito, sofreram tremendas destruições” (5,1-24). A teologia da retribuição.
- “Quem é Deus senão Nabucodonosor”? (6,1-21). Aquior em Betúlia.
- “Durante trinta e quatro dias, permaneceu em volta deles todo o exército assírio e esgotaram-se todas as reservas d’água” (7,1-32). Betúlia está no fim.

A segunda parte do livro, também, pode ser subdividida em blocos.

a) O primeiro bloco ocupa os capítulos de 8 a 10. Judite nos é apresentada para que a conheçamos a fundo. Sua genealogia faz dela “Israel”; sua teologia questiona seja a visão sacrificial e retribucionista do templo, como a visão mágica dos chefes da cidade. Sua fé a leva a tomar a iniciativa em memória do Deus dos oprimidos. Sua beleza de mulher será sua arma contra o acampamento de Holofernes.

- “Judite filha de Merari (...) filha de Israel” (8,1-8). A casa de Judite.
- “Quem sois vós, que hoje tentais a Deus e vos colocais acima dele, no meio de homens como vós”? (8,9-36). A teologia profética de Judite.
- “Tu és o Deus dos humilhados, o socorro dos oprimidos, o amparo dos fracos, o protetor dos abandonados, o salvador dos desesperados” (9,1-14). A fé de Judite.
- “Enfeitou-se com esmero para cativar os olhos de todos os homens que a vissem” (10, 1-23). O corpo de Judite.

b) Nos capítulos de 11 a 13, Judite nos é apresentada fazendo um sutil e perigoso jogo com Holofernes, iludindo, enganando e seduzindo o generalíssimo. A história alcança seu *clímax* durante o banquete: Judite que, aparentemente, se rende a Holofernes, fará com que ele perca literalmente a cabeça.

- “*Eu te conduzirei pela Judéia até Jerusalém, e colocarei tua cadeira de juiz no meio dela*” (11,1-12,9). O jogo da ilusão.
- “*Judite entrou e recostou-se. O coração de Holofernes sentiu-se arrebatado por ela e seu espírito se perturbou*” (12,10-20). O jogo da sedução.
- “*Agarrou-lhe a cabeça pelos cabelos e disse: - Dá-me vigor neste dia, ó Senhor Deus de Israel!*” (13,1-20). A derrota de Holofernes.

c) O último bloco é marcado por uma série de “benditos” celebrados pelos que, com a façanha de Judite, recuperaram a memória do verdadeiro Deus de Israel e, liderados por ela, lutam com coragem contra os inimigos agora desnorteados e apavorados. Sempre conduzido por Judite, o povo “retoma” o templo, celebrando as maravilhas do Senhor e inaugura um longo tempo de paz e fartura.

- “*Os filhos de Israel, todos os que eram capazes de combater, precipitaram-se sobre eles*” (14,1-15,7). O povo derrota o império.
- “*Tu és a exaltação de Jerusalém, tu és o grande orgulho de Israel. Tu és a grande ufania de nosso povo*” (15,8-16,20). O povo derrota a hierocracia.
- “*Não houve mais quem atemorizasse os filhos de Israel nos dias de Judite e, ainda por muito tempo, depois de sua morte*” (16,21-25). O tempo da graça.

Agora vamos ler, contemplar e saborear este livro, memória antiga do nosso Deus, de seu projeto de vida, liberdade e memória permanente do bem que nos faz a mão da mulher.